



A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NEGATIVOS NA PALAVRA NEGRO/PRETO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O EU – NEGRO/PRETO – A PARTIR DO OUTRO

Celiomar Porfírio Ramos¹

Águeda Aparecida da Cruz Borges²

RESUMO

A produção de um discurso ocorre na relação com um determinado período histórico-social que se inscreve numa dada formação discursiva. Na perspectiva da AD, de linha francesa, é ilusão do sujeito acreditar que seu discurso é uno. Ele é constituído por vozes outras que, às vezes, quem está a enunciar não tem consciência. Isso se dá pelo fato de o discurso estar numa formação social permeada pela ideologia. Com base no exposto, pensamos que embora vivamos numa sociedade predominantemente negra, a ela foi negado um lugar importante na história. Isso ocorre, em virtude da colonização, pois o colonizador se autodenominou superior, enquanto o colonizado é tido como inferior. Tal afirmativa é baseada em nosso contexto histórico-social e, por que não, no contexto dos países africanos lusófonos, onde o europeu era tido como superior enquanto as colônias eram tidas como inferiores. Todavia, essa perspectiva vem mudando e o negro tem alcançado, a partir do movimento de luta, outras posições. Porém, o olhar que compreende o negro como inferior, às vezes, é retomado pelo discurso. Pensando nisso, esse artigo se propõe analisar, discursivamente, algumas compilações de frases populares que envolvem os termos negro/preto. O objetivo é compreender a constituição dos sentidos negativos que permeiam tais expressões. As análises serão fundamentadas, sob a base da AD que tem base em Pêcheux.

PALAVRAS-CHAVE: Negro/preto. Análise do discurso. Sentido.

Um percurso teórico: A análise do discurso

Este trabalho tem como fundamento a Análise de Discurso, mais especificamente, na Análise do Discurso de linha francesa, que tem como representantes Michel Pêcheux e Michel Foucault. Hoje, no Brasil, um dos principais nomes que defendem a teoria é Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, que segue a mesma perspectiva e amplia o dispositivo teórico com muitas

1Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso

2Doutora em Linguística/UNICAMP-SP - Professora Doutora do Campus Universitário do Araguaia/ICHS/Universidade Federal de Mato Grosso.



traduções da obra de Pêcheux e publicações próprias como, por exemplo, sobre o silêncio e, por isso, será uma das balizas para a fundamentação das análises. Outro nome que merece destaque, no âmbito nacional, é Claudemar Alves Fernandes, que aborda sobre termos da Análise de Discurso, de maneira didática, pertinente a essa pesquisa de iniciação, na área.

Análise de Discurso de linha francesa é heterogênea. São três as linhas da Análise de Discurso, no momento de sua constituição, que são relacionadas, contudo sob projetos teóricos distintos, segundo Narzetti (2010, p. 51):

A Análise do Discurso francesa jamais constituiu um campo homogêneo. Pode-se identificar, no período de sua constituição (década de 60-70), a existência de ao menos três linhas de análise do discurso relacionadas, por sua vez, há três projetos teóricos distintos: a linha de Michel Pêcheux; a linha da sociolinguística (desenvolvida por Marcellesi, Gardim e Guespin, dentre outros, na França); e, finalmente, a linha de Michel Foucault. Pode-se dizer que a AD francesa é o efeito geral dos confrontos e alianças táticas ocorridos entre essas três linhas.

Essas três linhas possuem pontos em que se aproximam e pontos que se afastam radicalmente.

É importante salientar que as ideias que nortearão essa pesquisa serão, predominantemente, as de Michel Pêcheux. Entretanto, quando necessário, lançaremos mão de teorias de outros analistas de discurso, considerando o fato, como afirmou Narzetti, de a perspectiva de Pêcheux ter sido influenciada por outras e, também, influenciá-las.

Ao abordar o termo Discurso é necessário compreendê-lo, segundo o ponto de vista que se pretende estudar. Isso se deve ao fato do termo ser amplo e receber distintos significados. Narzetti (2010, p. 52) ao comentar sobre os conceitos diversos do termo discurso, apresenta o de Pêcheux, afirmando que o conceito de discurso dele é elaborado tendo como base conceitos da Linguística e, também, do Materialismo Histórico.

No que se refere ao conceito de Linguística e Materialismo Histórico, entende-se que é necessário esclarecer o que cada teoria discute e considera relevante. A Linguística, segundo Fernandes (2005, p. 48), sob essa perspectiva é:



[...] tomada como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação. Para a Análise do Discurso, trabalha-se com elementos linguísticos que possibilitam a materialização dos discursos; observa-se no material de análise a inter-relação constitutiva da linguagem face à sua exterioridade.

Por Materialismo Histórico Fernandes (Idem) compreende como “[...] teoria das formações e transformações sociais. É na/pela história que observamos as condições de produção do discurso, ou seja, o porquê da aparição de um enunciado em dado momento e lugar e não em outro lugar”. Compreende-se, então, que Pêcheux considera, na sua perspectiva de análise, fatores linguísticos e histórico-sociais, pois o objetivo é entender, por meio da língua, o sujeito considerando fatores histórico-sociais.

Pêcheux (1967, p. 218 *apud* NARZETTI, 2010, p. 52) define discurso como:

[...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem, efetivamente, ser concebidos como funcionamento, mas com condição de acrescentar que esse funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual deste termo, e que não se pode defini-lo senão em referência à estrutura da formação social em que se encontram.

Compreende-se, a partir da explanação de Pêcheux, que o Discurso considera elementos linguísticos e elementos sociais. O discurso é constituído num contexto histórico social e isso influencia na produção, deixa marcas no discurso. Consoante a tal perspectiva Aragão (2011, p. 75) ao abordar sobre o processo de formação do discurso discorre que:

O discurso tem uma importância central na construção da vida social, uma vez que a linguagem não se constitui em um meio neutro de refletir o mundo e pode ainda ser considerado como prática social. O sujeito discursivo está inserido no contexto, social, histórico e ideologicamente marcado.

Após as abordagens de Pêcheux (1967), Fernandes (2005) e Aragão (2011), citadas acima, pode-se sistematizar que o discurso utiliza-se de elementos da linguística – um deles a fala; e considera aspectos sociais, ou seja, o contexto histórico-social em que essa fala está sendo produzida. Orlandi (2007, p. 25), sintetiza, afirmando que o objetivo da Análise do



Discurso é “trabalhar no entremeio, fazendo uma ligação mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e a sua exterioridade constitutiva”.

O termo discurso está, intimamente, ligado à noção de sentido. Além disso, a produção de sentidos em determinado discurso não é fixo Fernandes (2005, p. 12) salienta:

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos e, interlocução; Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que empregam.

O fato de um discurso proporcionar diferentes sentidos³, conforme o lugar ocupado pelo sujeito reafirma a importância de se analisar o discurso considerando o contexto histórico-social. Como afirma Orlandi (2007, p. 37), “[...] o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído”.

O sujeito é imprescindível na Análise do Discurso. Em virtude disso, é necessário compreender o que/quem é o sujeito para essa teoria. Fernandes (2005, p. 19) entende que o sujeito é “constituído na inter-relação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos”.

Observa-se que o autor, ao abordar sobre o sujeito, faz menção de que o sujeito é um ser social que se desenvolve a partir das relações sociais nas práticas que se organizam em determinadas condições de produção. Sendo assim, o que o sujeito diz não é, genuinamente, seu. Seu discurso é constituído por meio do discurso de outras pessoas, ou seja, é perpassado por outros discursos, o que Bakhtin conceitua como polifonia.

Pires & Tamanini-Adames (2010, p. 66) ao tratar sobre polifonia, segundo o ponto de vista de Bakhtin, afirma que a polifonia está presente em todo discurso. Isso se deve ao fato de todo discurso estar perpassado por outras vozes, ou seja, outros discursos:

3 O termo sentido, aqui, é empregado consoante a AD. Fernandes (2005, p. 18) define como: “efeito de sentido entre sujeitos em enunciação; nega-se a ideia de mensagem encerrada em sua; contesta a imanência do significado”.



Segundo Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos. Só compreendemos enunciados quando reagimos às palavras que despertam em nós ressonâncias ideológicas e/ou concernentes à nossa vida.

Todo discurso é produzido por um emissor. Esse emissor é, denominado na Análise do discurso, como sujeito. O sujeito ao produzir determinado discurso o faz com base em dois esquecimentos. O primeiro é o fato de ele acreditar que é criador integral de seus discursos, já o segundo refere-se ao fato de o sujeito crer que o que ele diz poderá ser entendido, apenas, de uma maneira, segundo Pêcheux (1983 *apud* MARTINS, 2004, p. 7):

[...] o sujeito caracteriza-se por dois esquecimentos: no esquecimento um, *o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso*, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva; no esquecimento dois, *o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz tem apenas um significado que será captado pelo seu interlocutor*. Há o esquecimento de que o discurso caracteriza-se pela retomada do já dito, tendo o sujeito a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz. (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p. 168-9 – grifos nossos)

Pode-se constatar, então, que um sujeito não produz só um discurso, pois seu discurso pode possibilitar diferentes significados ao interlocutor. Além disso, é permeado por diferentes vozes que compõem o discurso. Ao abordar sobre o tema alguns pontos relevantes acerca da polifonia são levantados por Aragão (2011, p. 77):

Assim, vale ressaltar outro conceito: a unidade discursiva do sujeito. Ela é marcada por uma dispersão dessas vozes. Em outras palavras, os diferentes discursos estão dispersos no sujeito, sendo que todo discurso resulta de um já-dito. A formação discursiva ocorre por unidade e dispersão, ou seja, *a formação discursiva é constituída por vários discursos*, que já foram ditos e são repetidos, graças à memória discursiva, que é a memória social de cada sujeito. (grifos nossos)



Como se pode perceber a unidade discursiva produzida pelo sujeito é polifônica. Além disso, consoante a Pêcheux (1983 *apud* MARTINS, 2004, p. 7), citado anteriormente, Aragão (2011, p. 77) entende que o discurso é sempre repetido, ou seja, todo discurso já foi dito em algum lugar por alguém.

Althier-Revuz (1982 *apud*, FERNANDES, 2005, p. 28), ao tratar da polifonia no sujeito discursivo e a heterogeneidade denomina o “eus” presente no discurso como descentramento do sujeito, afirmando que “[...] um ‘eu’ implica outros ‘eus’ e o outro se apresenta como uma condição constitutiva do discurso do sujeito, afinal, um discurso constitui-se de outros discursos e sofre (trans)formações na História”.

Isso implicará na pluralidade da identidade, pois considerando essas (trans)formações, a identidade não será nunca fixa, ela se dá como processo, ou seja, o que há são processos de identificação. De acordo com Fernandes (2005, p. 29), a identidade é fruto “das relações sociopolíticas na sociedade e inacabada por não se esgotarem as transformações sociais”.

Orlandi (1999 *apud* SANTOS, 2009, p. 2) compreende, também, que a linguagem não é algo neutro e transparente. Baseando-se no fato de que ela é “[...] Carregada de um conteúdo simbólico, através dela nos confrontamos cotidianamente com o mundo, com os outros sujeitos, com os sentidos e com a história contribuindo, com o nosso pensamento e ação, para reproduzi-los ou transformá-los [...]”.

Aragão (2011, p. 77) afirma que, ao analisar o discurso, é preciso considerar certos aspectos que influenciam na formação discursiva do sujeito: “Portanto, ao analisar os discursos, necessita-se compreender as perspectivas políticas, sociais e ideológicas; os cenários sócio-histórico-culturais e, a partir disso, as transformações de discurso [...]”. Isso se deve ao fato de todos esses aspectos influenciarem na formação discursiva do sujeito. Nessa perspectiva, todo sujeito é interpelado ideologicamente.

Narzetti (2010, p. 55) ao tratar sobre a formação ideológica/ideologia, afirma que Pêcheux (2007 [1971], p. 26) considerou aspectos da teoria de Haroche; Henry e a definiu como: “um conjunto complexo de atitudes e representações que não são ‘individuais’ nem



‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posição de conflito umas com as outras”.

Marzière (2007, p. 62) ao comentar sobre o sujeito ideológico, aponta Althusser como um dos percussores desse termo, definindo-o como “relação imaginária dos indivíduos e das classes com suas condições de existência”⁴. Além disso, identifica a ideologia como “interpelação dos indivíduos enquanto sujeito”⁵.

Orlandi (2007, p.48), a tratar sobre o termo ideologia, o define como:

A ideologia, aqui, não se define como conjunto de representações, nem muito menos como ocultação da realidade. Ela é uma prática significativa. Necessidade de interpretação, a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique

Com base na posição de Orlandi e considerando a ideia de Althusser de que a ideologia é interpelação do indivíduo enquanto sujeito e que a ideologia não é consciente, compreende-se que todo sujeito ao produzir determinado discurso está sendo afetado por determinada ideologia de maneira insciente. Sendo que ela é fruto da relação do sujeito com a língua, com a história e, pode-se afirmar, também, com o meio social no qual é produzido.

Haroche, Henry e Pêcheux (2007 [1971] *apud* MARZIÈRE, 2007, p. 62) vêem o discurso como uma das formas da materialização das ideologias:

[...] Pêcheux propõe que *o discurso seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias*. Sendo assim, concebe as formações discursivas (FD) como elementos constitutivos das formações ideológicas (FI), as quais estão relacionadas à produção dos discursos. (grifos nossos)

Outro fator relevante na Análise do Discurso que já foi citado de maneira indireta, mas que merece destaque, em virtude de sua importância, são as condições de produção. Como foi dito, anteriormente, na Análise de Discurso, em que nos filiamos para fundamentar as análises do “corpus” selecionado, alguns aspectos são determinantes na produção do

4 ALTHUSSER. *Lire Le Capital* (1965) *apud* MARZIÈRE (2007, p. 62)

5 ALTHUSSER. *Éléments d'autocritique* (1974) *apud* MARZIÈRE (2007, p. 62)



discurso. Dentre eles, Fernandes (2005, p. 18) aponta “os aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam ou determinam a produção do discurso”.

Corpus da pesquisa

Esse trabalho propõe realizar uma análise interpretativa à luz da teoria da Análise do discurso de linha francesa, especialmente, a de Michel Pêcheux, sobre a construção de sentidos negativos em frases utilizadas no cotidiano, que envolvem os termos preto e negro.

Para tal análise realizamos compilações de frases que envolvem os termos supracitados e, posteriormente, selecionamos os seguintes termos com a finalidade de ser o *corpus* de pesquisa: “denegrir a imagem”, “amanhã é dia de branco” e “serviço de preto”.

É válido mencionar que os termos, quando analisados, suscitam inúmeras leituras, porém interessa-nos, agora, enquanto analistas do discurso, os sentidos negativos por elas incitados.

Análise interpretativa – Minha imagem segundo o outro

De acordo com Gomes (2006), o enunciador de um discurso está inserido num determinado espaço social ideologicamente marcado, que é, sem dúvidas, preponderante à construção do discurso. Considerando tal aspecto somos impulsionados a considerar o contexto histórico do negro, especialmente, no Brasil, todavia, sem abandonar sua origem africana, para que, a partir daí, realizemos uma análise interpretativa coerente.

Parte do Continente Africano, aqui estamos tratando dos países luso-africanos assim como o Brasil teve Portugal como colonizador. Nesse processo o colonizador com o intuito de ter mão-de-obra transportou um grande número de negros para o Brasil como escravo. Esse fato traz consigo dois pontos relevantes relacionados ao negro: o colonizador *versus* colonizado e, também, o estigma de inferioridade graças à sua condição de escravo.

Memmi (1967), em sua obra “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador” realiza algumas considerações sobre a relação do colonizador e do colonizado. Para o autor o colonizado, neste caso o negro, sempre será inferior, mesmo que o processo de colonização seja superado, o imaginário de inferioridade permanece. É válido mencionar que



essa condição de inferioridade não se restringe ao negro, mas toda sociedade que passou pelo processo de colonização.

Visando discutir essa construção de sentidos acerca da inferioridade do negro é que estruturamos esse estudo. Segundo Fanon (2008) esse imaginário acerca do negro é uma construção do branco, ou seja, do colonizador neste caso: “[...] aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco”.

Haja vista essa construção dos sentidos, analisaremos alguns dizeres cotidianos que, em certa medida, corroboram para a construção de um imaginário acerca do negro, carregado de aspectos negativos. As frases analisadas, conforme já mencionado, são: “denegrir a imagem”, “amanhã é dia de branco” e “serviço de preto”.

A primeira sentença a ser analisada é “denegrir a imagem”. A *priori* aparenta ser um termo inocente, porém, segundo o dicionário⁶ o termo denegrir é sinônimo de tornar escuro. Outro fator relevante é que denegrir é, também, sinônimo de difamar alguém e desonra-lo. Logo, temos que denegrir ou tornar escura uma pessoa é fazer com que ela perda seu valor e torne-se desonrada, desacreditada.

Considerando o exposto, podemos observar que as pessoas negras, se considerarmos tal aspecto não são pessoas honradas, que não são pessoas dignas de confiança. Andre (2007), em sua pesquisa de doutoramento intitulada “O ser negro: um estudo sobre a construção de subjetividades em afro-descendentes” (Sic), coloca que após o fim da escravidão é instaurado um mito dos três “ps” – preto, pobre e perigoso. O negro, aqui, é um ser que não é digno da confiança do outro, ou seja, digno da confiança do branco. O ato de denegrir a imagem do outro o torna, sem dúvidas, indigno de confiança e, conseqüentemente, digno de ser equiparado ao negro e, por isso, merecedor dos três “ps” citados acima.

O ideal, segundo Fanon não é denegrir, mas o embranquecimento, conforme afirma “o negro quer ser branco” (FANON, 2008, p. 27) e não o contrário, pois caso aconteça o contrário, o branco se tornar negro, ou seja, ser denegrido, mesmo que seja usado apenas no termo conotativo ele perderá sua condição de civilizado e de confiável.

A frase “amanhã é dia de branco” é outra frase selecionada para análise. O discurso apresentado nos faz refletir, entre outros aspectos, a incapacidade do negro. Apresentando a visão de Abdala Junior (1989, p.19) sobre o sobre *Negritude*, o crítico afirma, com base em

6 Disponível em: <http://www.sinonimos.com.br/denegrir/>



Munanga (1985), que a *Negritude*⁷ é uma “formação ideologia negra” que visa contrapor à “formação ideologia branca”. Isso porque foi a partir do processo de colonização que os negros tornaram-se negros, conforme é possível observar: “os negros não foram colonizados porque são negros, ao contrário, na tomada de suas terras e na expropriação de sua força de trabalho, com vista à expansão colonial, é que os negros ‘tornaram-se negros’”⁸.

O pressuposto levantado por Munanga nos faz refletir sobre algumas questões que dialogam com o que foi apresentado, “[...] os negros ‘tornaram-se negros’”. A palavra “negro”, nesse contexto, carrega uma carga semântica negativa, pois o negro só se tornou subjugado, uma “raça menor”, incapaz, após se tornar vítima do processo de colonização, ou seja, após o colonizador o fazer negro, conforme podemos observar que:

Para justificar, para legitimar o domínio e a espoliação, o colonizador precisa estabelecer que o colonizado é por “natureza”, ou por “essência”, incapaz, preguiçoso, indolente, ingrato, desleal, desonesto, em suma, inferior. Incapaz, por exemplo, de educar-se, de assimilar a ciência e a tecnologia modernas, bem como exercer a democracia, de governar-se a si mesmo (MEMMI, 1967, p. 9).

Entendemos que é criado pelo colonizar um imaginário de negro, um ser, em suma, inferior que, por ser incapaz, tem necessidade de ser civilizado. É interessante pensar que após os negros tornarem-se negros, será impossível libertar-se das marcas deixadas pelo processo de colonização, haja vista que carregará consigo marcas do colonialismo mesmo depois de se tornar ex-colônia, mesmo depois de terem sido libertos da escravidão pela Lei Aurea, uma vez que o fim do colonialismo e a libertação não implica que haja, de fato, liberdade dos estigmas impostos ao longo dos anos. Estamos tratando de um processo, “lento, difícil e doloroso, comparável à convalescença de uma longa e grave enfermidade” (MEMMI, 1967, p. 3).

Ao ter ciência de que os negros são negros e, conseqüentemente, colônia, o colonizador coloca-se superior a coloniza em todos os aspectos, sendo representante da

7 A *Negritude* é, em síntese, a valorização das culturas e do modo de estar no mundo negro (assunção mais nítida em Senghor), e em simultâneo, o posicionamento ideológico anti-colonial e anti-imperialista (LARANJEIRA, 2000, p. XII)

8 (MUNANGA, 1985, p. 79 In: ABDALA JUNIOR, 1989, p. 19)



modernidade, enquanto aqueles do atraso. Além disso, representam os civilizados, enquanto os colonizados os bárbaros. O termo colonizado (negro) passa a ser sinônimo de adjetivos depreciativos. Já os “colonizadores trazem com eles a superioridade científica e tecnológica, econômica e cultural, que lhes proporciona as condições de domínio e controle do país” (MEMMI, 1967, p. 3).

Consideramos o exposto, compreendemos que duas coisas são evidenciadas no discurso apresentado, “amanhã é dia de branco”: a superioridade do branco e a inferioridade do negro, ou seja, a superioridade do colonizador e a inferioridade do colonizado.

Memmi pondera que “a desvalorização do colonizado estende-se, assim, a tudo aquilo que o toca” (MEMMI, 1967, p. 67), conseqüentemente, ao seu trabalho. O termo colonizado, neste contexto, torna-se sinônimo de negro. Isso dialoga, sem dúvidas, com a última frase selecionada para análise: “serviço de preto”. O discurso apresentado refere-se a trabalhos mal feitos. Como foi ponderado acima tudo o que o negro toca e faz também é desvaloriza.

É interessante pensar que os discursos selecionados para análise – “denegrir a imagem”, “amanhã é dia de branco” e “serviço de preto” – são, com frequência, ouvidos no dia a dia. Isso mostra, em termo, o reflexo da sociedade em que vivemos, haja vista que um discurso é constituído socialmente e que vozes outras, mesmo que de maneira inconsciente, estão inseridas no discurso do indivíduo que profere tal discurso.

Sendo assim, podemos compreender que apesar de vivermos numa sociedade que luta pela igualdade social, que luta para a inclusão do negro e que, por muitas vezes, afirma não ser preconceituosa com o negro utiliza, com frequência, discursos que apresentam uma imagem negativa do negro, que busca coloca-lo como um ser inferior e subjugado ao branco. É preciso repensar sobre o negro e dar o lugar de destaque na sociedade brasileira que foi lhe roubado.

Referências

ANDRE, Maria da Consolação. **O ser negro**: um estudo sobre a construção de subjetividades em afro-descendentes. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.



ARAGÃO, Gabriel Adams Castelo Branco de. **Discurso e a construção da imagem feminina no funk**. In: Cad. Pes. Grad. Letr., v.1 n. 1, jan-jun, 2011. P. 73-85.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso** – reflexões e introdutórias. Edição revista e ampliada. 2005.

LARANJEIRA, Pires. **Negritude africana de Língua Portuguesa**: Textos de apoio (1947-1963). BragA: Angelus Novus Editora, 2000.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia**. Estudos Semióticos. Vol. 6, nº. 02, 2010.

MARTINS, Antônio Carlos Soares. **Linguagem, subjetividade e história**: a contribuição de Michel Pêcheux para a constituição da análise do Discurso. Unimontes Científica. Montes Claros, v. 6, n. 1, jan/jun. 2004.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

NARZETTI, Claudiana. **As linhas de Análise do Discurso na França nos anos 60-70**. In: RevLet – Revista Virtual de Letras. Volume 2. Número 02/2010.

ORLANDI, Eni P. **Autoria, leitura e efeitos simbólicos**. 5ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico**. Disponível em:

http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2_EniOrlandi.pdf Acesso em 26 de dezembro de 2013

REFERÊNCIAS